

Zine

# Pobres, tristes e preocupados com o futuro



**Leticia Corrêa**  
Especial para o Zine  
[vida@gazetadigital.com.br](mailto:vida@gazetadigital.com.br)

**S**egundo dados do Atlas das Juventude, pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e divulgada em 2021, os jovens brasileiros (15 a 29 anos) estão mais pobres, mais tristes e mais preocupados. Os indicadores que tratam de índices como satisfação com a vida, preocupações e qualidade do ensino apresentaram piora nessa faixa etária em relação a anos anteriores. Fatores como a pandemia, mudanças nas leis trabalhistas, desaceleração da economia e falta de perspectiva são apontados como responsáveis.

De acordo com o estudo, o índice de jovens brasileiros que se disse preocupado subiu para 59% no ano passado - era de 44% entre 2015 e 2018. A miséria também aumentou nessa faixa etária: quando questionados se houve algum

momento nos 12 meses anteriores à pesquisa em que faltou dinheiro para comprar a comida necessária, 28% dos jovens brasileiros relataram que sim. A taxa era de 16,8% em 2011-2014, e de 25,6% em 2015-2018.

Dados divulgados pelo Instituto Datafolha em julho do ano passado também apontam que 34% dos jovens perderam interesse pela escola, 56% ganharam peso, 44% se sentiram tristes e 38% tiveram medo. Já 34% afirmaram que a quantidade de comida foi menos que o suficiente.

O professor Maelison Neves, do Departamento de Psicologia da UFMT, afirma que os dados são resultado de um modelo de organização social bastante falho em garantir as necessidades das pessoas. O resultado é que as projeções de futuro acabam levando a um sentimento de piora. As mudanças na legislação trabalhista, que eram anunciadas como uma “modernização” que

geraria emprego, evidencia um maior empobrecimento de toda a classe trabalhadora e a juventude está sentindo esses efeitos, explica.

“À medida que os pais empobrecem, eles vão perdendo as condições de dar os elementos necessários, materiais e simbólicos, para que essa juventude tenha uma melhora de vida em relação à geração anterior. Não há mais uma certeza de aposentadoria nem mesmo para os adultos que já contribuem para a previdência”, exemplifica.

A estudante de Jornalismo Ana Cristina Moura, de 22 anos, acredita que o mercado de trabalho está escasso para os jovens e sente falta de uma remuneração digna. “Ainda sou estagiária e, para conseguir uma vaga, nos cobram experiência sem querer ensinar e acabamos fazendo muito mais do que o acordado. Não acredito que seja possível viver no Brasil atual apenas com uma bolsa com R\$ 1,2 mil e a quantidade de gastos que temos. É um absurdo, mas é o salário mínimo que nosso país oferece”.

Para ela, o problema consiste na mão de obra estar cada vez mais barata. “Não só para estagiários, já trabalhei no shopping por R\$ 1.090 para trabalhar até aos finais de semana. É um absurdo, mas é o salário mínimo que nosso país oferece. Muita gente precisa e acaba aceitando trabalhar por muitas horas ganhando pouco e isso torna o mercado de trabalho cada vez mais complicado”, lamenta.

A estudante Nathália Ortega, de 24 anos, acredita que a pandemia agravou a situação. “Fui demitida do meu emprego quando a pandemia começou e depois foi complicado para conseguir outro, muitas empresas tinham medo de contratar. Atualmente, ao meu ver, as vagas e oportunidades voltaram a aparecer, mas ainda é difícil pois muitos exigem experiências que

você pode não ter”.

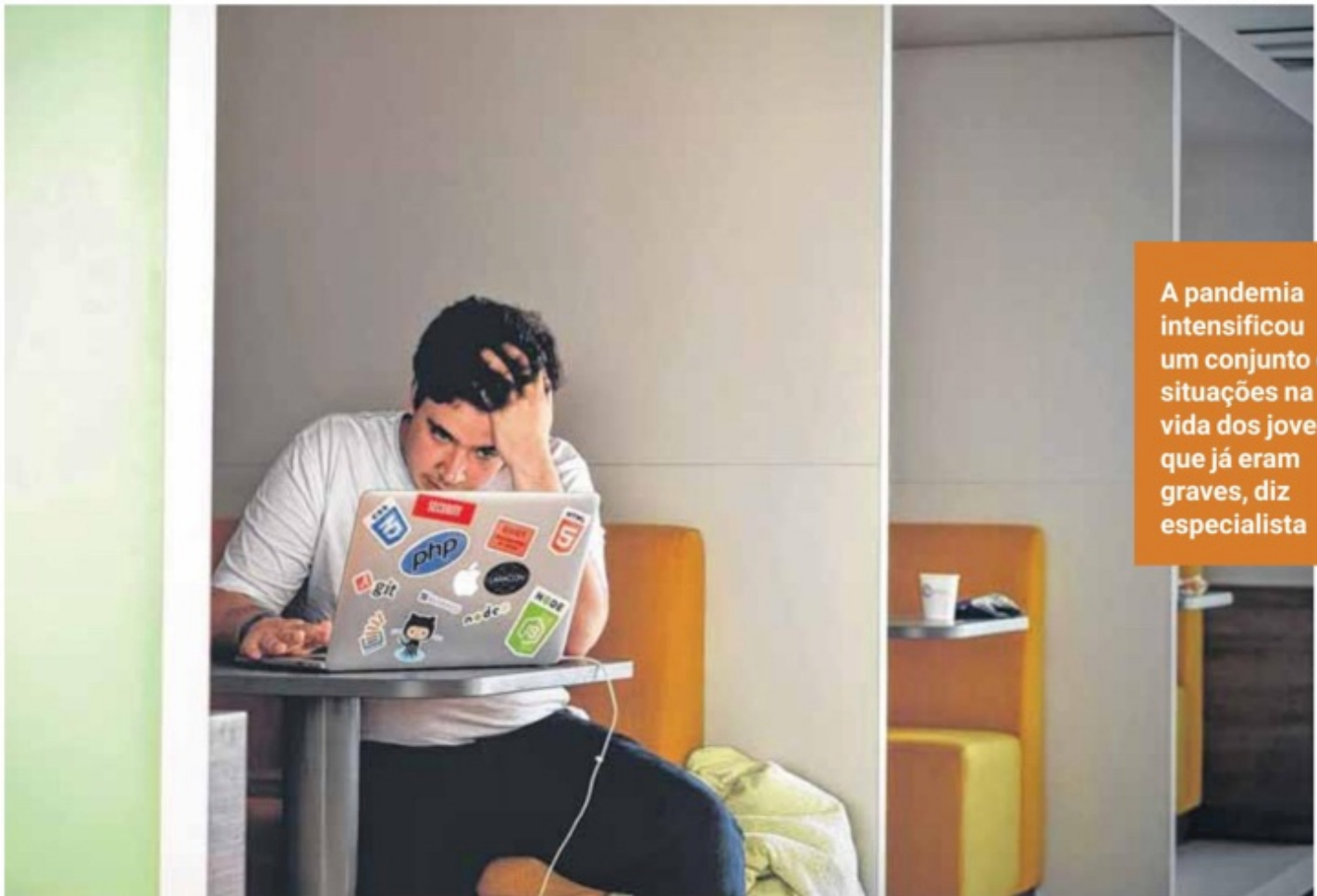
Ela relata que o momento também afetou a saúde mental. “Eu comecei a ter uma tristeza absurda, isolada em casa, sem poder fazer as minhas coisas, sem poder ver as pessoas que eu convivia, sem saber quando eu poderia vê-los novamente, sem saber quando tudo iria passar. Era uma crise existencial constante, medo do futuro e tudo isso me abalou muito”, conta.

Segundo Maelison Neves, a pandemia intensificou um conjunto de situações na vida dos jovens que já eram graves. “Para poder continuar estudando, é preciso ter um ambiente adequado em casa, uma internet com uma boa conexão, um computador, livros, uma série de elementos que as universidades e escolas ofereciam para os estudantes. Muitos nem tem um ambiente para estudo em casa. A possibilidade de continuar estudando para o jovem está cada vez mais cara. Com a alta no preço dos

produtos para alguns se tornou impraticável. Diante dessa escassez e empobrecimento, muitos foram forçados a entrar no mercado de trabalho. Agora chegamos no ponto que eles vivem o dilema ‘trabalhar ou estudar’ e a resposta depende se ele consegue se manter sem trabalhar. Muitos não conseguem. Isso se relaciona diretamente com a alta da evasão escolar”.

O professor ressalta que a situação é uma consequência das escolhas políticas da população, que optou por um modelo de governo e organização social que não atende a necessidades individuais e coletivas. “É preciso transformar as bases dessa sociedade para que a gente possa reconstruir os modos de produzir e acessar não só os recursos básicos, como alimento e moradia, como os recursos educacionais, culturais e a possibilidade de ter condições de realizar esses projetos. Enquanto estivermos engessados nesse modelo concentrador de renda e explorador da força de trabalho isso não vai mudar”, alerta.

Tim Gouw/Pexels



A pandemia intensificou um conjunto de situações na vida dos jovens que já eram graves, diz especialista